História da Arte

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

Material Teórico

A Realidade Mágica

Responsável pelo Conteúdo:
Prof. Ms. Claudemir Nunes Ferreira

Revisão Textual:
Profa. Esp.Vera Lídia de Sá Cicarone

UNIDADE A Realidade Mágica

- Introdução
- A Divisão dos Tempos
- Período da Idade dos Metais: de 6.000 anos a.C. até o surgimento da escrita.
- A Antiguidade
- O Egito
- A Grécia

Objetivo de APRENDIZADO

Nossos estudos sobre tópicos de História da Arte iniciam-se pela reflexão sobre como se formaram as primeiras culturas e suas produções artísticas. Vamos estudar dois tempos históricos da Pré-História à Antiguidade. Ainda vamos discutir Arte como linguagem e também o pensamento mítico que desencadeou rituais de magia e religiosos, nos quais as linguagens artísticas estavam sempre presentes.

Para fundamentar nosso trabalho, convidamos pesquisadores e historiadores como Fernando Hernández, Ernest Gombrich, Albert Manguel e Humberto Maturana, entre outros. Eles fundamentam nosso estudo sobre a Arte e sua história e nossa reflexão sobre Cultura e Sociedade.

É importante compreender que a Arte se apresenta em várias linguagens e modalidades e que podemos estudar essas produções para compreender melhor como as culturas se desenvolveram ao longo dos tempos. Criamos arte no passado e continuamos a criar. Hoje expressamo-nos por meio de muitas linguagens, algumas com caráter estético e artístico. Estudar Arte não é apenas compreender culturas antigas, mas nos aproximar da Arte que se realiza em nosso tempo e compreender, principalmente, o mundo cultural no qual vivemos.

Nesta unidade escolhemos textos pertinentes ao seu estudo com o objetivo de ampliar seus saberes para, dessa maneira, dar maiores subsídios para uma prática educativa consciente e autônoma no ensino de arte.

Quanto às atividades propostas na unidade, é importante que você realize todas com afinco e determinação. Teste seus conhecimentos respondendo às questões propostas, observe o que você já sabe e o que precisa ainda saber e amplie seus conhecimentos lendo o material básico e complementar.

Contextualização

Nosso estudo propõe compreender como a Arte foi sendo construída por povos antigos e como o desenvolvimento estético, artístico, histórico, mítico e sagrado estabeleceu sentido com objetos e linguagens artísticas. Desde o surgimento do ser humano como ser de cultura temos criado maneiras para nos comunicar, expressar ideias e emoções. Essas maneiras constituíram-se em linguagens e são essas linguagens e suas relações com o pensamento artístico e sagrado que vamos estudar nesta unidade. Para o momento de contextualização, sugerimos a leitura de dois textos:

Texto 1: GOMBRICH, E. H. **História da Arte.** 16ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999 (leitura do 1º ao 5º capitulo).

A leitura desses capítulos do texto é básica e fundamenta nossos estudos nesta unidade, uma vez que eles apresentam rica descrição de fatos históricos e estilos artísticos que se desenvolveram entre o nascimento das primeiras manifestações artísticas no mundo e no Brasil, além das concepções trabalhadas pelos povos da Mesopotâmia, Egito, Grécia e Roma, entre outras culturas que influenciaram a Arte e a Cultura até os nossos dias.

Texto 2: MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens.** São Paulo: Companhia das letras, 2001(capítulo 3 – "Robert Campin: a imagem como enigma").

Este texto é uma leitura complementar é visa ampliar seus saberes sobre Arte e Cultura. Este autor parte da imagem como uma potência narrativa e convida-nos a percorrer o universo da Arte para compreender como diferentes povos desenvolveram suas concepções sobre as coisas e como essas ideias foram representadas por imagens. É uma leitura que também poderá ampliar seus saberes sobre a arte e o pensamento mágico sagrado.

A arte é linguagem e conhecimento. Vivemos imersos em um mundo de linguagens. Assim, conhecer Arte pode ampliar sua visão de mundo e seu repertório cultural, seja qual for a sua área de formação e atuação profissional. Leia os materiais indicados e boas reflexões.

Introdução

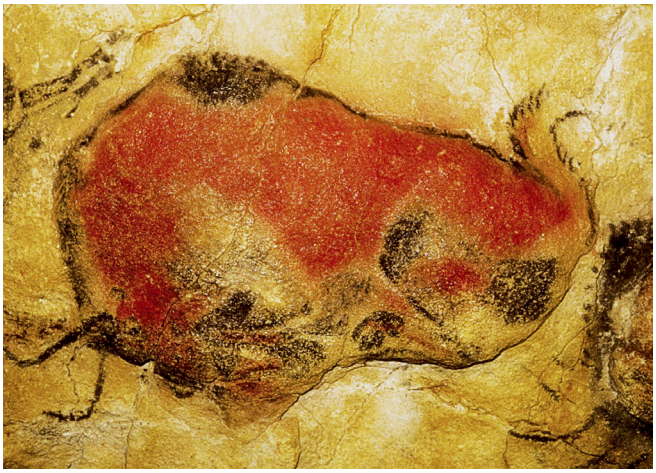

Figura 1 - Reprodução de Bisão ferido – pintura rupestre, c. 15000 - 10000 a.C. Altamira, Espanha.
Fonte: Wikimedia Commons.

> Como animais linguajantes, existimos na linguagem, mas como seres humanos, existimos (trazemos nós mesmos à mão em nossas distinções) no fluir de nossas conversações, e todas as atividades acontecem como diferentes espécies de conversações.
>
> Humberto Maturana, 2001, p. 109.

Por que fazemos Arte desde tempos remotos? O sentido da Arte sempre foi o mesmo em todas as eras e lugares? Sabemos que foram muitos os motivos pelos quais os seres humanos se dedicaram a criar imagens, sons e gestos com senso estético e artístico. Nesse empenho, criamos as linguagens e, entre as formas de comunicação e expressão, criamos as linguagens da Arte. As linguagens artísticas nasceram da necessidade humana de representar, comunicar e agir no mundo, de estabelecer diferentes maneiras de dialogar com as coisas.

As linguagens na Arte podem nos dizer muitas coisas. Foram criadas pelo ser humano no decorrer do tempo e marcam a nossa existência no mundo da cultura. Entre experiências e expressões, criamos e continuamos a criar signos artísticos, linguagens em forma de desenhos, pinturas, esculturas, gravuras, músicas, danças, peças teatrais...

Somos seres linguajantes, como diz Maturama (2001). Criar linguagens tem sido nossa história. Algumas linguagens são sonoras, outras são gestuais e outras tantas são visuais.

Na história das linguagens artísticas, temos muitos contextos culturais. Em cada tempo e lugar, os seres humanos criaram técnicas, manipularam materiais para criar Arte. No início, os seres humanos pintavam, desenhavam e esculpiam sobre as rochas; nascia assim a chamada Arte Rupestre, termo que significa arte sobre a pedra (rocha). Esses povos também dançavam e criavam sons, ou seja, música ritualística desse tempo chamado de pré-história. Consideramos como arte pré-histórica todas as manifestações que se desenvolveram antes do surgimento das primeiras cidades e civilizações do mundo antigo, portanto antes da escrita.

No entanto o termo "Pré-História" hoje é discutido por historiadores que defendem que a arte e toda forma de registro, expressão da vida e cultura dos povos antigos apresentam ricos contextos históricos. Em outras palavras, sempre houve história; apenas esta não foi registrada pela escrita que veio a aparecer mais a frente no tempo. A escrita foi durante muito tempo o jeito oficial de registrar a história. Hoje muitas outras formas de linguagem são igualmente valorizadas como testemunhas dos acontecimentos históricos e culturais.

Nosso estudo, nesta unidade, tem a proposta de compreender como a Arte, enquanto uma das principais linguagens usadas para registrar a história de povos antigos, foi empregada não apenas como registro, mas também como entendimento e expressão de um mundo culturalmente vivido. Todos nós temos esta experiência, a de vivenciar o mundo por nossas concepções culturais. Dessa forma, Arte, Cultura e História estão sempre unidas em simbiose, em sincretismo.

Atenção

É importante dizer que o termo "Arte", como nós conhecemos hoje, só foi estruturado em um tempo que denominamos Antiguidade. A chamada Arte pré-histórica, para os povos que a produziram, tinha outros propósitos; uma das explicações mais aceita é a de que a Arte, nessa época, tinha utilidade, material, cotidiana e mágico-religiosa.

A Arte era algo sagrado que tinha poderes mágicos. Eram objetos, pequenas esculturas ou figuras que envolviam situações específicas; as imagens não descreviam uma situação vivida pelo grupo, mas possuíam um caráter mágico, preparando o grupo para a caça, tarefa que lhes garantia a sobrevivência.

Encontramos, nesse período, esculturas feitas de rocha, marfim e ossos; esculturas de figuras femininas e nuas (nota-se a ausência de figuras masculinas), destacando-se, nessas esculturas, a falta de definição do rosto, grandes seios e nádegas e ventre saliente. Uma das hipóteses mais aceitas sobre essas esculturas é que, quanto maior e mais volumosa fosse a mulher, mais fértil seria. Essas esculturas eram voltadas para rituais de magia e fertilidade. A fertilidade era a segunda função mais importante, depois da alimentação. A natalidade, para esses homens, garantia a continuidade da tribo, o crescimento humano da tribo, uma maior quantidade de homens para caçadas, portanto garantia a sobrevivência em grupo naquele meio hostil.

Entre as esculturas pré-históricas destaca-se a escultura encontrada na Áustria - A *"Vênus de Willendorf"*, que mede 11 cm de altura e é datada, aproximadamente, entre os anos c. 28000 e 25000 a.C. Essa peça foi encontrada em 1908 pelo arqueólogo Josef Szombathy.

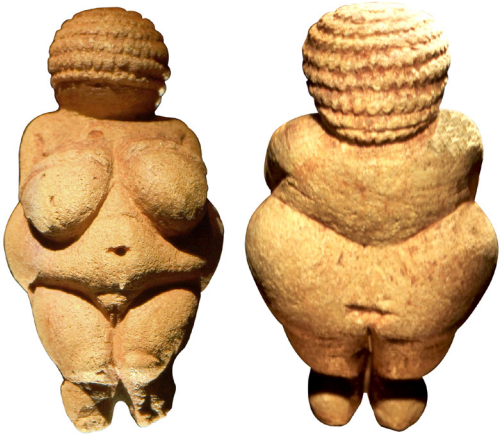

Figura 2 - Vênus de Willendorf – Escultura do Período Paleolítico.
Fonte: Wikimedia Commons.

As pinturas, gravações e desenhos feitos nas rochas (arte rupestre), nesse tempo, apresentavam imagens que representavam cenas de caça, mostrando a relação homem/natureza. Os animais caçados por esses homens eram bisões, bovídeos, cervos, renas, cavalos e eram representados da forma como eram vistos de determinado ângulo, ou seja, como sua visão humana os captava;

os desenhos apresentavam uma visão naturalista. Ao nos perguntarmos o que levava esses homens da Pré-História a pintar esses animais em cavernas e, normalmente, em lugares de difícil acesso, encontramos uma hipótese de resposta: seriam caçadores ou feiticeiros das tribos que desenhavam o animal, achando que estavam aprisionando-o ou mesmo controlando-o, adquirindo, assim, um poder sobre ele na vida real, facilitando o abate em sua caçada. Nessas pinturas eram utilizados os seguintes materiais: óxidos de minerais, sangue e gordura de animais, carvão, vegetais, que eram triturados formando uma pasta líquida. Eles utilizavam o dedo ou pincéis feitos de pelos ou penas de animais para pintar. As cores predominantes eram o vermelho e o preto. Há historiadores que defendem a ideia de que essas pessoas acreditavam que podiam capturar a alma do animal por meio da representação da imagem. Veja o que diz o historiador Gombrich (1999, p.42):

Informação

A explicação mais provável para essas pinturas rupestres ainda é a de que se trata das mais antigas relíquias da crença universal no poder produzido pelas imagens; dito em outras palavras, parece que esses caçadores primitivos imaginavam que, se fizessem uma imagem da sua presa, e até a espicaçassem com suas lanças e machados de pedras, os animais verdadeiros também sucumbiriam ao seu poder.

Figura 3 - Cavalo, pintura do período paleolítico C. Lascaux – França.
Fonte: Wikimedia Commons.

Há exemplos do pensamento mítico descrito acima por Gombrich registrado em formas de desenhos e pinturas em varias regiões do mundo, em especial na Espanha, no sul da França e no sul da Itália. Em Lascaux, na França, as pinturas datam de, aproximadamente, 16000 a 15000 a.C, Veja o exemplo da imagem do Cavalo; esse é apenas um detalhe da pintura que fica no teto da caverna.

Em outra pintura (imagem que abre nosso texto), vemos o Bisão Ferido, datado de aproximadamente 15000-10000 a.C., na parede da caverna de Altamira, na Espanha. A expressão artística é contextualizada por meio das tensões entre linhas e tons que representam a agonia da morte de um animal. Podemos notar que há mais que apenas a intenção de fazer um ritual de boa caça; nessa imagem há expressão de emoções e sensações de dor.

Além da ideia de que as imagens possuem poder, outra proposição também parece ter existido entre esses povos antigos: o som como transcendência e realidade mágica.

Quando os seres humanos dominaram o fogo, logo descobriram que podiam transformar o barro em objetos de cerâmica. A palavra cerâmica tem origem no termo "Keramikón" da língua grega e que significa feito de argila, de terra queimada. Tambores de cerâmica são encontrados em várias partes do mundo, os quais, em sua em forma original, possuem a base parecida com um vaso sem o fundo, sendo, em uma das extremidades, colocada a pele do animal. O som desse instrumento, na compreensão desses caçadores, repercute como o som do animal abatido, seu choro, que podia ecoar livremente pelas florestas e planícies. Este tipo de ritual apresenta outra ideia também bem antiga, a de que tudo que é retirado da natureza deve ser respeitado e devolvido. Assim, especula-se que os povos antigos usavam desenhos e pinturas para fazer rituais de pré-caça e usavam a música para fazer rituais mágicos de agradecimento. Em cada cultura pode ter havido motivos diferentes para criar esses instrumentos, que eram feitos tanto de cerâmica como de tronco de árvores. Esse tipo de instrumento ainda é confeccionado por várias culturas, entre estas os povos africanos contemporâneos.

Figura 4 - Gravura rupestres – Período Paleolítico – Vale do Côa - Portugal.
Fonte: Duca696/Wikimedia Commons.

Conexão com o presente:

Gombrich explica que a existência dessas imagens da arte rupestre tem sua origem na crença universal no poder da produção de imagens. Reflita sobre como as imagens influenciam a nossa vida. Será que elas ainda são compreendidas como uma fonte de poder?

O domínio do fogo trouxe maior segurança e conforto ao ser humano, mas também abriu muitas possibilidades ritualísticas.

Até os nossos dias, encontramos danças e cantos que são feitos ao redor de fogueiras ou com o uso de tochas.

Dominamos o fogo e, como somos seres de linguagem, também criamos na arte da cerâmica, formas, figuras e sons. A cerâmica constituiu uma Arte que atravessou os tempos e teve muitas funções e usos em diversas culturas. Outros instrumentos usados em rituais, principalmente na cultura oriental, são as flautas Ocarinas.

Figura 5 - Tambores feitos de cerâmica, cobertos de pele de animais.
Fonte: Acervo online/Museu do Brooklyn.

Figura 6 - Ocarinas - As flautas de cerâmica XUN.
Fonte: Wikimedia Commons

As flautas de cerâmica também foram instrumentos forjados por barro e fogo e datam de mais de 12000 a.C. As Ocarinas são instrumentos de sopro muito antigos, feitos de cerâmicas, e são ainda produzidas na contemporaneidade. Na china, uma espécie de flauta de cerâmica

tem o nome de ***Xun.*** Ela tem o formato de um ovo, com um orifício no centro onde o músico sopra, e, geralmente, oitos furos onde se colocam os dedos; é feita em vários tamanhos, o que lhe proporciona timbres diferentes. Esse instrumento influenciou a dança e a música oriental. Especula-se que foi criado ainda na era Neolítica, na região da China, mas também foi encontrado em várias partes da Ásia. No Japão, um instrumento bem parecido tem o nome de *Tsuchibue.*

A Divisão dos Tempos

O período da Pré-História foi uns dos períodos mais longos da história do homem relacionada às Artes e à produção cultural. Os historiadores costumam marcar a passagem do tempo entre uma era e outra. No ocidente, usamos o calendário Cristão. Assim dizemos que os episódios aconteceram antes do nascimento de Cristo (a.C.) ou depois de Cristo (d.C.), porém há outras formas de marcar a passagem do tempo, que foram criadas por outras culturas, igualmente válidas e que devem ser respeitadas. No entanto, no conhecimento universal, o modo ocidental tornou-se uma convenção. Outro detalhe importante a ser mencionado é que as manifestações da Arte Rupestre e os rituais que envolveram a linguagem da música ou da dança não aconteceram ao mesmo tempo em todas as partes do mundo. Cada região abrigou grupos de pessoas que foram criando suas linguagens e concepções de mundo diante de seus próprios contextos culturais e ambientais. Dessa forma, a Arte chamada de pré-histórica aconteceu de modos diferentes no continente americano e no continente europeu. Podemos dividir, dentro de uma concepção europeia, o tempo pré-histórico em três momentos, mas há outras propostas de divisão. Este é apenas um exemplo:

Conexão com o presente:

Figura 7 - Capa do filme A Guerra do fogo
Fonte: International Cinema Corporation, 1981.

O fogo forjou não apenas a terra ou os metais mas também o modo de vida das primeiras sociedades. No Brasil, há vestígios de grupos ceramistas de c. 6.500 anos a. C. Os povos que habitaram nosso país nesse tempo faziam suas cerâmicas, construíam moradias, deixavam suas marcas na arte rupestre. A arte da cerâmica deixou rastros da cultura de cada povo por meio de seus objetos e construções. Ainda hoje grupos de paneleiras, no Espírito Santo, criam peças com técnicas bem parecidas com as do passado; são as chamadas "paneleiras do barro". Você tem alguma peça de cerâmica em sua casa? Como o fogo foi importante para a criação de peças artísticas? Pense nisso! Como dica, assista ao filme: A Guerra do Fogo (titulo original: La Guerre du Feu). Esse é um filme de 1981, realizado na França e no Canadá, com locações na Escócia, Islandia, Quênia e Canadá. A direção é de Jean-Jacques Annaud. Data de lançamento: 16 de dezembro de 1981 (França). Direção: Jean-Jacques Annaud. Roteiro: Gérard Brach. Autor: J. H. Rosny. Música composta por: Philippe Sarde.

Período Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada.

Surgiu com a história dos primeiros homens e prolongou-se até cerca de 10.000 a. C. No período paleolítico, os homens eram nômades, deslocando-se constantemente em busca de alimentos, como animais, que caçavam para comer a carne e vestir suas peles, e vegetais e frutos que colhiam. Viviam numa economia de subsistência. Faziam imagens rupestres e esculturas. As pinturas foram encontradas, principalmente no caso da Europa e de algumas regiões do sul da América, dentro de cavernas. Em outras partes do mundo, como no Brasil, por exemplo, foram encontradas imagens pintadas ou gravadas nas rochas em espaço ao ar livre. Os mais famosos sítios arqueológicos da Europa são as cavernas de Chauvet e Lascaux, na França, e de Altamira, na Espanha, já citados anteriormente.

Período Neolítico ou Idade da Pedra Polida: cerca de 10.000 anos a 4.000 a. C.

No período *Neolítico*, os homens desenvolveram a técnica de produzir instrumentos e armas com pedras polidas por atrito. Neste período, também chamado de *Idade da Pedra Polida,* as armas tornaram-se mais afiadas e mortais. O homem substituiu sua vida nômade por uma vida fixa em lugares próximos a fontes de água, como rios, córregos, onde as terras eram mais férteis. Começaram a cultivar vegetais e a domesticar animais. A sedentarização aumentou o número de habitantes e possibilitou o desenvolvimento de um núcleo familiar mais sólido, com divisões de tarefas.

Nesse período, criaram-se as primeiras técnicas de tecelagem com o linho, lã, algodão, muito mais leves que as peles dos animais. A cerâmica já era conhecida, mas houve o desenvolvimento de novas técnicas e estilos, para a produção de objetos que serviam para armazenamento de alimentos e como urnas funerárias. Moradias passaram a ser feitas nesse período, marcando o nascimento da arquitetura.

A pintura rupestre de caráter naturalista do período *Paleolítico* foi substituída por um estilo mais simples e geométrico, e, com isso, podemos notar a primeira transformação na pintura na História da Arte. Isso ocorreu no mundo todo, mas em momentos diferentes. Ao mesmo tempo em que civilizações, como Grécia e Roma, se desenvolviam, povos espalhados pelo mundo, mesmo depois do nascimento de Cristo, ainda criavam pinturas rupestres, faziam rituais usando cantos e danças, e também criavam objetos de cerâmica e outras formas expressivas.

Arte no Brasil e outras localidades.

Figura 8 - A arte marajoara produzida teve seu auge entre c. 400 a 1400 d. C (AD).
Fonte: Wikimedia Commons/Museu de História Natural de Nova Yorque.

Figura 9 - Cerâmica Santarém de 500 a 1500 d. C
Fonte: Museu Nacional do Rio de Janeiro

A Arte pré-histórica, no Brasil, não aconteceu ao mesmo tempo em que a do continente europeu. No Brasil, algumas cerâmicas são mais recentes; as da ilha de Marajó, por exemplo, datam de 400 a 1400 da era de Cristo (este período também é conhecido como pre-cabralino, ou seja foi antes de Cabral e toda a historia da colônia portuguesa começar por aqui), mostrando que os acontecimentos que marcam as culturas se deram em tempos distintos. Essa cultura criou objetos que espelhavam seus costumes e crenças. Por vezes, eram desenhos e relevos zoomórficos ou antropomorfos, outras apresentavam padrões geométricos em linhas e formas; por vezes eram acromáticos ou cromáticos. Quando cromáticas, as peças recebiam barro líquido de caulim, para o branco, e tinta feita de jenipapo, que marcava os tons escuros, entre outros materiais que forjaram as cores usadas. Esse povo criou objetos utilitários e também ritualísticos.

Outros povos no Brasil criaram peças em cerâmicas. São famosas as Cerâmicas de Santarém, feitas pelos povos das tradições amazônicas, arte atribuída, principalmente, aos índios tapajós. Esses objetos têm estilo que apresenta figuras humanas ou em forma de animais e o auge de sua produção data de 500 a 1500 da era de Cristo (d.C).

No Brasil encontramos diversos locais com Arte rupestre: Naspolini, em Santa Catarina; Diamantina e Varzelândia, em Minas Gerais; Parque Nacional da Capivara, no Piauí. As pinturas rupestres aqui aconteceram de 6000 a.C. a 1000 d.C., mas essas datas estão sendo ainda investigadas e há muitas pesquisas em andamento.

No continente americano, podemos citar muitos outros sítios arqueológicos, mas um, em especial, chama-nos a atenção por suas formas particulares: a Caverna das mãos, na Patagônia, na Argentina, que foram criadas aproximadamente há 7.300 a.C. Nesse local há milhares de marcas de mãos em negativo, uma técnica de execução simples que consistia em encostar uma das mãos na parede da caverna e soprar, através de um canudo de osso, a área em volta da mão com uma mistura de pó de argila, pó de carvão e pó de pigmentos naturais, obtendo, assim, a silhueta da mão. A *Caverna* das mãos provoca nossa reflexão e leva-nos a perguntar: por que essas pessoas quiseram deixar essas marcas? Talvez fosse importante deixar registro de sua presença; eram seres humanos demonstrando o valor de deixar suas assinaturas no tempo.

Estes são alguns exemplos. Existem sítios arqueológicos espalhados pelo mundo produzidos em tempos distintos.

Figura 10 - Pintura rupestre ,datada de 5.000-3000 a. C, na toca do Boqueirão da pedra furada, Parque Nacional da Serra da Capivara, PI. Foto de 2009. Fonte: Wikimedia Commons.

Figura 11 - Caverna das mãos. Patagônia Argentina.
Fonte: Wikimedia Commons.

Período da Idade dos Metais: de 6.000 anos a.C. até o surgimento da escrita.

Com habilidades em dominar o fogo, esses homens começaram, de maneira ainda rudimentar, a fundir os primeiros metais, tais como o cobre, estanho, bronze e, posteriormente, o ferro, que exigia uma temperatura mais elevada para sua fusão como também técnicas mais aprimoradas. Com o ferro faziam armas muito mais resistentes. Nas artes, faziam esculturas em moldes de barro e cera, muito mais detalhadas e bem feitas, que representavam guerreiros e mulheres, estas com maior variedade.

Figura 12 - Escultura em bronze – Período Idade dos Metais – Encontrada na Sardenha.
Fonte: Museu Arqueológico Nacional - Cagliari, Itália.

Nasce a escrita e as religiões se estruturam.

Com o domínio territorial de algumas comunidades, o desenvolvimento do homem e o crescimento populacional apareceram as primeiras cidades. Em uma sociedade com uma economia crescente, em que passou a haver a necessidade de se contabilizar todos os produtos produzidos e vendidos, os impostos, os pagamentos, surgiu a escrita, com a finalidade de registrar todas as ideias do homem. Mas não serviu apenas a esse fim.

A escrita foi se desenvolvendo durante muito tempo, baseada em antigas tradições e desenhos simbólicos e ideografias – "Proto-Escrita". A escrita cuneiforme foi criada pelos sumérios e adotada pelos povos da Mesopotâmia; os hieróglifos dos egípcios surgiram por volta de 3.200 a.C. A importância da escrita está na conservação de registros e sua propagação durante gerações.

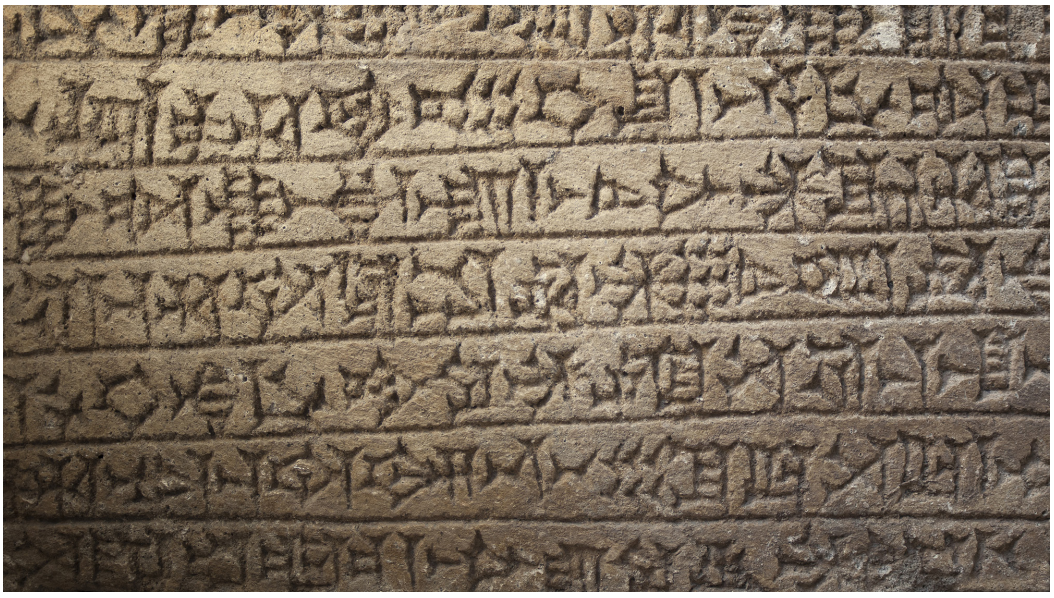

Figura 13 - Exemplo de escrita cuneiforme.
Fonte: Thinkstock/Getty Images.

A escrita cuneiforme era feita em placas de argila, utilizando objetos em forma de cunha, em sequência vertical; posteriormente essas placas eram queimadas em fornos para registro permanente. A escrita marcou uma mudança importante no rumo da história. Os povos podiam, agora, não apenas contar suas histórias oralmente, como era feito há milhares de anos desde a pré-história, mas também registrar e guardar todo esse acervo.

Com isso, a religião dos povos pôde ser registrada e ensinada de modo mais sistemático às futuras gerações; mitos e rituais foram descritos em detalhes.

Uma das histórias mais comuns que aparecem em todas as culturas foram os contos de origens. Cada sociedade criou sua concepção própria sobre a origem dos rios, montanhas, plantas, animais, pessoas, enfim tudo que existe na terra e nos céus. Hoje, com tanta tecnologia e avanços científicos, muita coisa é explicada pelo pensamento lógico e científico, mas, no momento da passagem entre a Pré-História e a Antiguidade, os seres humanos criavam suas explicações, muitas das quais por meio do pensamento mitológico e sagrado.

Os sumérios, que surgiram por volta de 3.000 a 2.300 anos a.C., foram pioneiros em criar as placas de argila e tornaram-se, igualmente, os primeiros a registrar suas lendas nesse material. Esse povo vivia em uma região chamada Mesopotâmia, que recebeu esse nome porque ficava entre dois rios: o Tigre e o Eufrates. Foi nesse local que se desenvolveu a escrita e outros aspectos de civilizações antigas. Além dos sumérios, outros povos habitaram esse lugar, como os assírios e babilônicos, entre outros. Na contemporaneidade, essa região é conhecida como Oriente Médio.

Entre as lendas dos sumérios, encontramos a história da criação do mundo, que narra que, no início, existiam as águas férteis trazidas pela ¨mãe, a primeira", que deu à luz os deuses do universo. Ela teria trazido as aguas, matéria-prima da criação de todas as coisas que vivem na terra. Talvez, por essa razão, essa civilização dava tanta importância aos rios que banham essas terras e proporcionam local fértil e propício à vida em meio a regiões desérticas.

Outro mito que foi registrado em placas de argila é a história de um grande dilúvio. Essa história é conhecida no livro da Bíblia, porem é mais antiga que esse livro. Gravada em placas de argila, a história conta que um rei soube, pelos deuses, que um grande dilúvio iria acontecer e, com base nesse aviso, construiu um grande barco e salvou sua família e os animais que possuía.

Outras histórias mesopotâmicas coincidem com histórias bíblicas, como a lenda da Torre de Babel, do Jardim do Éden e outras. No mundo da escrita, em muitas culturas, um profissional tornou-se fundamental: *o Escriba.* A palavra escriba tem origem latina e está ligada ao verbo *scribere,* que significa escrever.

Os escribas eram pessoas importantes e, em algumas culturas, considerados sacerdotes. As histórias da Mesopotâmia podem ter ido parar nas páginas da Bíblia talvez porque os escribas Hebreus, que criaram os primeiros escritos do Velho Evangelho, tenham ouvido essas histórias quando estiveram nessa região como escravos. O fato é que essa região acolheu muitas culturas e deu início a um tempo ao qual chamamos de *Antiguidade.*

A Antiguidade

O conhecimento construído nos tempos da Pré-História sobre os primeiros potes de cerâmica contribuiu para construir cidades inteiras de barro, caso das construções em tijolos dos palácios, jardins suspensos e Zigurates da Mesopotâmia. Os Zigurates eram construções erguidas em tijolos de barro secos ao sol com o formato de pirâmide em degraus; possuíam várias funções, como local para cuidar de pessoas doentes, guardar alimentos e ter vida social, porém a função mais significativa era religiosa. Acreditava-se que os Zigurates eram a morada dos Deuses e, por essa razão, apenas os sacerdotes podiam ter acesso a certos locais dentro dessas construções. Os Zigurates, que têm origem por volta de 2500 a.C, como outras construções feitas dos frágeis tijolos, perderam-se no tempo e clima dessa região e, hoje, temos poucos exemplos deles. Algumas construções, como palácios e muralhas de cidades, ainda permanecem; outras foram reconstruídas na nossa era. Fato é que essas construções em tijolos de barro e ladrilhos cozidos e esmaltados deixaram exemplos do pensamento mítico do povo da Babilônia. A porta de Ishtar, dedicada a uma deusa de mesmo nome, é uma das portas para a entrada de cidade de Babilônia.

A arte dos povos que habitaram a região da Mesopotâmia é rica e apresenta muita relação com o sagrado. São esculturas de deuses e deusas, templos e construções que marcaram a vida social e religiosa, além da arte como forma de expressar essas ideias por meio de danças, músicas e imagens.

Figura 14 - Porta de Ishtar, e ao lado Detalhe – Dragão em ladrilho esmaltado – aproximadamente 575 a.C.
Fonte: Allie Caulfield/Wikimedia Commons.

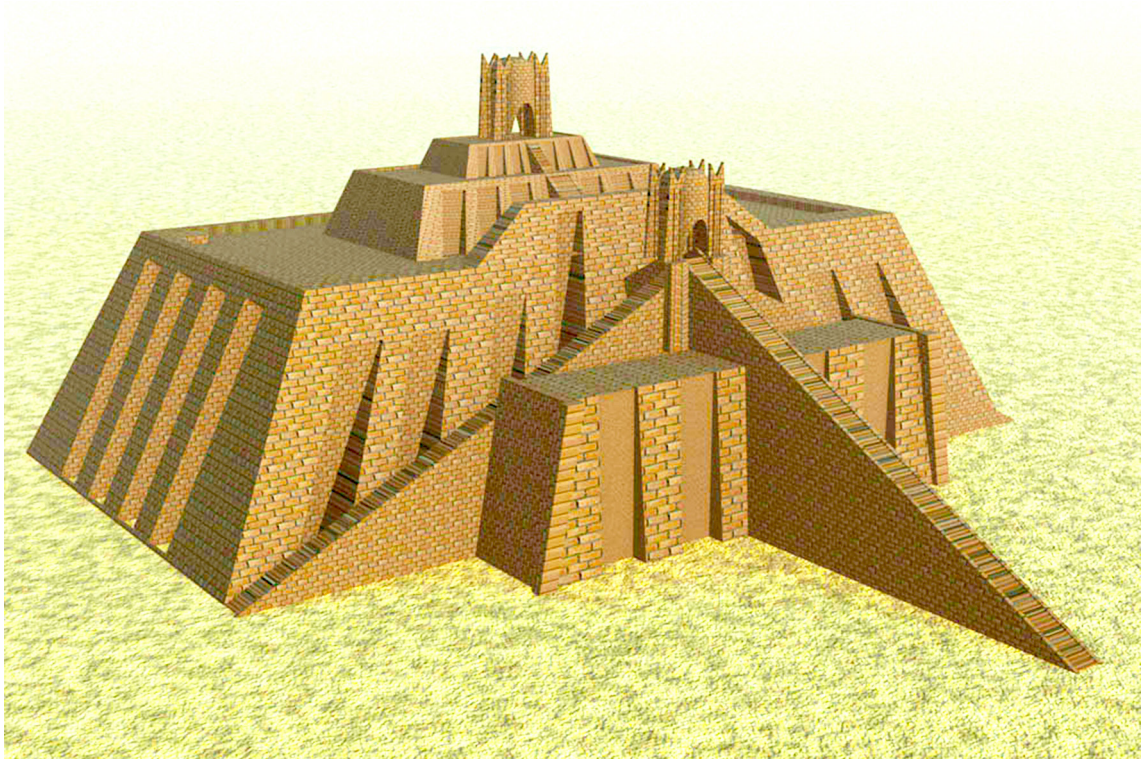

Figura 15 - Zigurates, da Mesopotâmia, que têm origem por volta de 2500.
Fonte: Wikimedia Commons.

Outras civilizações floresceram em tempos antigos.

O Egito

Seguindo o fio da história da arte, temos muitas civilizações que foram se consolidando em seus costumes, valores e arte na época conhecida como Antiguidade. Entre essas, o Egito criou uma cultura complexa em que a arte obteve papel de destaque na construção de imagens, objetos, obras arquitetônicas, manifestações em dança e música. Foi a religião que normatizou a maneira de construção da arte, uma vez que também ditava as regras de vida para este povo.

Os artistas tinham papel de construtores e transmissores de normas e técnicas que foram empregadas durante muito tempo nessa civilização, no entanto dizer que arte egípcia foi exatamente a mesma em todas as épocas de sua existência seria reduzir a grandeza da produção artística dessa civilização. Mesmo em sociedades rígidas ou fechadas, a cultura nunca é estática, está sempre em movimento, mesmo que este ocorra em ritmos suaves ou haja rupturas.

Esta civilização desenvolveu-se às margens do rio Nilo, que, em suas frequentes cheias, irrigava o solo e nutria-o com o húmus, tornando as terras mais férteis no noroeste da África. Aproveitando-se dessa condição, construíram canais e diques e aprimoraram e enriqueceram sua agricultura.

Seu império foi dividido em Baixo (no norte) e Alto (no sul) Egito. Desenvolveu-se durante, aproximadamente, 4 milênios a.C. Sua história é dividida em três períodos: Antigo Império, Médio Império e Novo Império.

Figura 16 - Conjunto de coras (Decheret – Coroa Vermelha do Baixo Egito/ Hedjet – Coroa Branca do Alto Egito/ Pschent – Cora Unificada).
Fonte: Wikimedia Commons.

A *religião* foi o fator mais importante no aspecto cultural, artístico, social e econômico para os egípcios, sendo seus rituais religiosos o caminho para a felicidade na vida e a existência depois da morte. Com uma cultura repleta de mitos e crenças, os egípcios eram *politeístas,* ou seja, acreditavam em vários deuses, que eram representados apresentando, em parte, aspectos humanos e, em parte, aspecto de algum animal sagrado: chacal (esperteza noturna), águia (capacidade de voar), carneiro (reprodução), jacaré (agilidade nas águas), gato (agilidade na terra), serpente (ataque), escaravelho (renascimento). Os egípcios acreditavam que esses deuses interferiam diretamente na vida das pessoas, por isso realizavam várias festas e oferendas para garantirem boas colheitas, vitória nas guerras e felicidade na vida terrestre. Cada cidade egípcia tinha um deus protetor e um templo em sua homenagem, porém existiam deuses que eram venerados por todo o Egito, como o deus Amon Rê (deus-sol), Osires (primeiro deus-rei a governar o Egito), Ísis (esposa de Osires), Hórus (deus falcão protetor dos faraós), Tot (deus da sabedoria), Hathor (deusa do amor e da fecundidade), entre muitos outros.

Somente uma vez, nesses 4 milênios, os egípcios abandonaram o politeísmo. Foi no reinado do faraó Amenofis IV (aproximadamente 1.370 a.C.), que instituiu uma grande reforma religiosa, considerando Aton o único deus a ser venerado pelos egípcios, porém, após sua morte, os sacerdotes obrigaram o novo faraó, Tutankhamon, a regressar ao politeísmo. A sociedade egípcia era dividida em camadas, sendo o faraó a autoridade máxima. Família real, sacerdotes, militares e escribas (responsáveis pelas escritas) tinham grande importância na sociedade egípcia; camponeses, comerciantes e pequenos artesãos pagavam impostos para manter toda a nobreza egípcia; os escravos, muitas vezes prisioneiros de guerras, trabalhavam somente para comer e beber.

Figura 17 - Imagem da deusa Hator, pintada em uma tumba no Vale dos Reis.
Fonte: Wikimedia Commons.

O faraó era considerado Deus e Homem, e sua família, conselheiros e sacerdotes eram sepultados em preciosos túmulos. O túmulo abrigava a múmia com a imagem das feições do morto em forma de estátua e oferendas de alimentos e bebidas que eram deixados ali, porque acreditavam na continuidade da vida em uma dimensão divina.

Os egípcios demonstraram grande conhecimento da matemática, que foi usado na construção das pirâmides e templos, e também da medicina, empregado na mumificação de corpos humanos.

Na escultura egípcia do *Antigo Império*, o escultor buscava aspectos essenciais e simples do morto, uma geometrização das feições.

No *Médio Império*, verificamos um realismo maior nas feições das pessoas, sobressaindo características mais pessoais e marcantes.

Figura 18 - Busto em rocha calcária encontrado num túmulo de Gizé – 2.700 a.C.
Fonte: Keith Schengili-Roberts/Wikimedia Commons.

Figura 19 - Busto Nerfretiti em calcário pintado de 51 cm de altura – 1.360 a.C.
Fonte: Angelo Atzei/Wikimedia Commons.

No Novo Império nota-se uma maior sensibilidade e delicadeza nos traços das feições feitas pelos escultores, porém mantiveram-se o rigor geométrico das esculturas e certo realismo.

Entre outras características das esculturas egípcias encontra-se uma posição muito frequente: as pessoas aparecem sentadas, em uma rigidez e uma postura simetricamente geométrica, com olhos fixos olhando para frente. As cores eram de fundamental importância. Podemos verificar que o homem tem um tom mais avermelhado em sua pele e a mulher, um tom mais claro. O tom mais escuro indicava o poder e a energia; as vestes brancas das mulheres indicavam sua pureza. O homem, na maioria das vezes, segura, em sua mão, algum objeto.

Figura 20 - Príncipe Rahotep e sua esposa Nofret.
Fonte: Roland Unger/Wikimedia Commons

Para os egípcios, não importavam o realismo, a perfeição ou proporções reais; simplesmente seu interesse era representar tudo o mais claro possível para preservar. A frontalidade das figuras, a posição e tamanho dos personagens eram hierárquicos, ou seja, eram definidos conforme sua classe social ou mesmo sua importância perante a sociedade. Usavam traços estilizados, não mostrando volumetria, e cor uniformemente chapada.

Vários templos foram construídos no Egito, cada um dedicado a um Deus. Os templos egípcios eram formados por colunas de grande diâmetro, que se caracterizavam por seu capitel:

- **Palmiforme** – capitel inspirado na palmeira;
- **Papiriforme** – flores de papiro. O fuste da coluna papiriforme era igualmente fasciculado, dessa vez em arestas vivas. Quando as umbrelas estavam abertas, o capitel era chamado de campaniforme;
- **Lotiforme** – Capitel representando um ramo de lótus com corolas fechadas e o fuste reproduzindo vários caules atados por um laço.

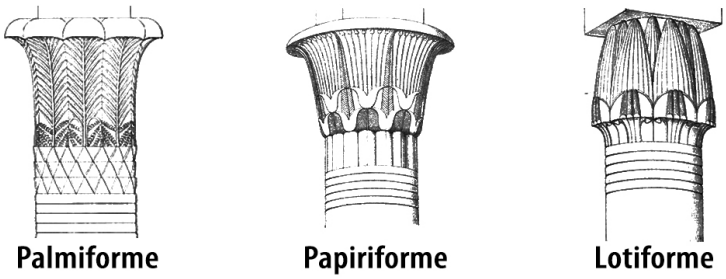

Figura 21 - Exemplos de colunas egípcias.
Fonte: Wikimedia Commons.

Os egípcios tinham uma concepção mítica do mundo, que seria povoado por muitos Deuses que eram representados por seres híbridos apresentando partes humanas e partes de animais. Cada Deus tinha uma função e um papel na cultura egípcia.

As imagens pintadas seguiam algumas normas conhecidas como Lei da Frontalidade. A preocupação era apresentar toda a figura, com o tronco pintado sempre de frente e a cabeça, pernas e pés na posição de perfil. A profundidade não era uma preocupação nessas imagens, que mostravam as figuras de modo mais plano. Os tons de cores também não apresentavam volumes, e sim uma imagem mais chapada. A proporção entre os indivíduos também era marcada pelo tamanho, conforme o seu grau de importância na sociedade.

Para representar seus Deuses, cenas e narrativas, as cores usadas eram carregadas de simbolismo. A cor preta mostrava a noite e podia estar ligada à oportunidade de renascimento, uma vez que lembrava as terras negras e férteis do rio Nilo. A cor branca estava ligada aos tons mais claros do linho e representava a pureza, a verdade, entre outras significações. A cor vermelha tinha significados múltiplos e podia estar ligada à energia sexual, a deuses mais sanguinários e até à morte nas áreas vermelhas e quentes do deserto. O amarelo era usado para estabelecer ligações entre o sol e a terra, e significava também o brilho da esperança por uma vida eternar e rica. O ouro era matéria nobre para representar seus Deuses, Faraós... O verde era usado como símbolo da existência; o azul era a espiritualidade e o eterno fluxo entre a vida que se tinha e o sonho na projeção de uma vida espiritual na existência da eternidade.

As obras arquitetônicas usavam conhecimentos de geometria sagrada, segundo a qual cada medida e forma tinham um significado. Essa maneira matemática e sagrada de conceber o mundo influenciou outras culturas.

As obras arquitetônicas egípcias mais conhecidas são as Pirâmides. As mais famosas são: Quéops, Quéfren e Miquerinos. Outra obra muito conhecida é a esfinge de Quéfren, imagem que, durante séculos, contempla as areias do deserto e mexe com a imaginação das pessoas que gostariam de saber que mistérios essa enigmática figura guarda.

Na escultura, a figuras mostram, principalmente, faraós e deuses olhando de modo sereno para o infinito, imóveis e imunes ao tempo. Ao andar pelas ruinas históricas do Egito, vemos, em paredes de antigos palácios, habitações e túmulos, relevos que mostram as crenças e o cotidiano desse povo. Há músicos e dançarinas, sons e movimentos capturados em imagens na pedra; são manifestações culturais de uma sociedade que deixou marcas significativas no tempo, motivando muitas pessoas a continuarem a decifrar os mistérios do Egito antigo.

Para a arte egípcia, as questões religiosas eram o foco; já, para os gregos, a arte foi se definindo como algo mental e filosófico. A inteligência, reflexão sobre a vida, era o ponto que norteava muitas conversas e debates.

A Grécia

A arte grega desenvolveu-se com suas particularidades em cada lugar da Grécia. No início, as culturas que depois formaram a nação grega tinham, cada qual, a sua lógica e suas criações artísticas. Com o tempo, o povo configurou uma arte mais unificada, que seguiu em meio às discussões filosóficas sobre sua função na sociedade e questionando se a arte era uma imitação da vida ou a sublimação de uma realidade. Debates sobre o equilíbrio e o ideal de beleza construíram teorias da arte que ainda geram discussões em nosso tempo.

A escultura, nas diversas épocas que atravessou, seguiu diferentes estilos. No estilo arcaico, a escultura apresentava figuras rígidas, com punhos serrados e uma das pernas em movimento de um passo a frente. Nos tempos da arte clássica, a figura ganhou suavidade, proporção e movimento. Na época de Alexandre, o grande, as figuras nas esculturas apresentavam-se com maior dramaticidade e movimento. Era a Arte Helênica, que apresentava não apenas uma narrativa ou um personagem, mas mostrava também as emoções.

Na cerâmica utilizavam o torno na confecção de vasos, potes, jarros, obtendo uma perfeição nas formas. Um dos motivos decorativos utilizados era a fauna marinha, que também era pintada nas paredes dos palácios. Utilizavam cores vibrantes, como as das flores que enchiam a ilha de Creta na primavera, mostrando menor rigidez e imobilidade que a pintura egípcia. As cores que mais utilizavam eram: vermelho, azul, amarelo, verde, marrom e branco.

Figura 22 - Vaso Micênico com figura de polvo – 1.500 a.C.
Fonte: Museu Nacional de Atenas.

Figura 23 - Mural em afresco do Palácio de Cnossos com figuras de golfinhos – 1.500 a.C.
Fonte: Nikater/Wikimedia Commons.

A fertilidade masculina era representada pelo "touro", por sua força física, que foi representado muitas vezes em objetos e afrescos.

Era um animal que participava dos sacrifícios e rituais e, juntamente com os homens, dos jogos realizados nos grandes pátios dos palácios.

Figura 24 - . Luta com o touro – Afresco do Palácio de Cnossos – 1.400 a.C.
Fonte: Olaf Tausch/Wikimedia Commons.

Figura 25 - . Cabeça de touro – 1.600 a.C.
Fonte: Edisonblus/Wikimedia Commons.

Tanto os homens quanto as mulheres dedicavam muito do seu tempo aos jogos, exercícios físicos ao ar livre, pugilismo, luta de gladiadores, corridas, torneios, desfiles e touradas.

Entre os povos da antiguidade, os gregos apresentaram uma produção cultural mais livre, provavelmente devido ao contato que tiveram com os outros povos, como os egípcios, cuja arte, inicialmente, foi levemente imitada. Porém, com o tempo, criaram uma arquitetura, escultura e pintura próprias, motivados por concepções não religiosas.

Convictos de que o ser humano ocupava especial lugar no Universo, os gregos não se submeteram a imposições de reis ou sacerdotes. Para eles, o conhecimento, expressado pela razão, estava acima da crença em qualquer divindade.

Péricles governou a Cidade-Estado de Atenas por 15 anos, de 446 a 431 a.C. Nesse período, promoveu a reconstrução da cidade, que havia sido destruída nas guerras pelos persas; promoveu a construção de templos, como o Partenon, teatros e outras edificações; incentivou as artes e o teatro, transformando Atenas num grande polo cultural. Também sob a influência de Péricles, deu-se o aperfeiçoamento da democracia e o desenvolvimento da filosofia.

A escultura grega pode ser dividida em três períodos principais:

- Período Antigo ou Arcaico;
- Período Clássico;
- Período Helenístico.

Cada um desses períodos apresentam características muito diferentes.

Características gerais das esculturas: preferência pela representação do corpo humano, sendo menos frequente a presença de animais ou outros motivos decorativos; naturalismo da figura humana; procura do ideal de beleza humana, baseado na proporcionalidade e no equilíbrio das diferentes partes do corpo; policromia; utilização de materiais como o mármore, a pedra e o bronze.

No período "Antigo" ou "Arcaico", o escultor grego, mesmo recorrendo a modelos reais, transformava as características individuais até obter um tipo ideal que representasse não um homem, mas o "Homem", no pleno vigor da forma física. Essas estátuas não eram retratos, mas imagens que eram colocadas em áreas sagradas.

No período arcaico, a influência egípcia na escultura grega foi intensa nos séculos VII e VI a.C.

Figura 26 - Estátua de Kouros – aproximadamente século VI a.C.
Fonte: Ricardo André Frantz/ Wikimedia Commons.

O **"kouros"**, estátua masculina de um homem jovem representado nu, sem nenhum outro ornamento – perfeição do corpo atlético. Consistia na representação de um jovem em pé, em posição rígida, olhando para frente e com os braços junto ao corpo. As mãos fechadas, ombros largos e cintura fina e o pé esquerdo em posição avançada. Conseguia-se a simetria perfeita entre os dois lados do corpo e os pés eram apoiados firmemente no solo. O cabelo dava a impressão de uma cabeleira e as orelhas e as rótulas pareciam mais elementos decorativos do que parte integrante do corpo.

O termo Kore ou Koré, com plural Korai (do grego, mulher jovem), refere-se a uma tipologia escultórica do período arcaico que consiste numa estátua feminina em pé. A figura feminina era representada também em posição rígida, olhando para frente, mas com as pernas juntas; os braços podiam estar erguidos a partir do cotovelo. Em oposição à nudez dos homens, apresentava-se envolta em vestes lisas.

Figura 27 - Estátua de Korai – aproximadamente século VII a.C.
Fonte: Sailko/Wikimedia Commons.

Figura 28 - Deusa Perséfone, aproximadamente 65cm – 650 à 625 a.C.
Fonte: Jastrow/Wikimedia Commons.

Um elemento em mutação foi o estudo científico da anatomia humana realizado pelos gregos. Esse estudo foi evoluindo, em grande parte, pela oportunidade de observar os corpos masculinos, tanto em repouso como em movimento, nos numerosos torneios atléticos em que os homens competiam nus. Entre as alterações a registrar na escultura masculina, encontram-se a das orelhas, olhos e rótulas, que começaram a ganhar vida. Os braços e as pernas tornaram-se extensões naturais do corpo. O cabelo deixou de parecer uma cabeleira, surgindo cortado e, muitas vezes, com aspecto encaracolado.

Na representação das estátuas femininas, as roupas tornaram-se drapeadas, passando a existir uma nova compreensão do corpo por baixo dos vestuários, porém mantendo uma certa rigidez. Também foi quebrada, pelo artista, a simetria perfeita entre os dois lados do corpo, pois ela se apresenta com uma das mãos oferecendo alguma fruta ou uma flor.

Figura 29 - Estátua de Korai – aproximadamente século VII a.C.
Fonte: Wikimedia Commons.

No período "*clássico*", a maior parte das esculturas era de figuras masculinas, já que os homens podiam ser observados nos jogos, que eram exclusividade deles. Os campeões dos jogos conquistavam o direito de erguer, na cidade, uma estátua com seu nome para deixar às gerações futuras a memória de sua vitória. Os escultores gregos concentraram seus estudos no corpo atlético dos atletas. A pedra utilizada pelos escultores gregos era o mármore branco, porém faltava-lhe resistência, pois as obras quebravam com muita facilidade se não estivessem devidamente apoiadas. A partir do século V a.C., devido a essa limitação do mármore, começaram a utilizar o bronze. Nesse processo, o escultor começava a primeira fase fazendo um modelo de argila que lhe permitia fazer experimentações e correções necessárias na escultura. Assim, podiam-se acrescentar curvas e ajustar contornos de uma forma que o mármore não permitia. Essa técnica deu aos escultores a oportunidade de reproduzir os mais diminutos detalhes. Desse período saíram obras excepcionais, nas quais os escultores representaram o movimento e o impulso nas esculturas.

Figura 30 - O Discóbolo, Miron – aproximadamente 1,24m – 480 a 323 a.C.
Fonte: Museu Nacional de Roma.

Figura 31 - Apolo, cópia romana a partir do original grego – século IV a.C.
Fonte: Museu Pio Clementino, Vaticano.

As esculturas ganharam um realismo. A expressividade nos rostos é evidente, os corpos são jovens, atléticos e nus, em diversas posições, quebrando o rigor da frontalidade das antigas estátuas e podendo a obra ser admirada em diversos ângulos. Nesse período, o nu feminino foi introduzido nas estátuas. As vestes tornaram-se cada vez mais reveladoras até se reduzirem a uma fina cobertura, que fazia lembrar tecido molhado e que, de fato, tornava a imagem mais erótica do que a nudez total.

As estátuas de mármore eram pintadas com cores reais e as de bronze, polidas de forma a que a sua superfície se assemelhasse à pele. Incrustavam-se pedras coloridas para representar os olhos. Os lábios e mamilos eram embelezados com cobre vermelho. As pestanas, feitas de arame, eram também incrustadas e a estátua de um homem podia segurar um punhal ou qualquer outro objeto. Várias estátuas de bronze gregas foram copiadas em mármore pelos romanos, pois era mais barato trabalhar com este material de que dispunham com facilidade e em grande quantidade. Para sustentar algumas das figuras, os imitadores romanos tinham que acrescentar estranhos suportes.

O período "*Helenístico*" da cultura grega iniciou-se sob o poder de Alexandre e seguiu até a Grécia ser dominada pelos romanos.

A escultura não se baseava mais em modelos ideais de corpos atléticos, mas na percepção direta da realidade. Às formas e figuras idealizadas da arte clássica contrapuseram-se formas e figuras mais próximas da realidade. Os artistas olhavam para todos os aspectos da figura humana, inclusive para a feiura, a velhice e infância. As esculturas serviam para exprimir, frequentemente de forma teatral, a dor, a ira ou o triunfo do homem. A representação de movimentos violentos na escultura parece ter sido aceita cada vez mais como um desafio, tal como mostrar a interação de pessoas em grupo, o que se pode verificar em esculturas que expressavam maior mobilidade e levavam o observador a querer circular em torno delas.

Figura 32 - Vitória de Samotrácia, 2,75m de altura – 190 a.C.
Fonte: Chosovi/Wikimedia Commons.

Figura 33 - Laocoonte, 2,42m de altura – século I a.C.
Fonte: Sailko/Wikimedia Commons.

Supõe-se que a escultura que recebeu o nome de "Vitória de Samotrácia" estivesse presa à proa de um navio que conduzia uma frota: estátua de mulher com asas abertas, que personificava o desejo de vitória, a túnica agitada pelo vento, as asas ligeiramente afastadas para trás, o drapeado das vestes, o tecido transparente e colado ao corpo, dando ao observador uma forte sugestão de movimento.

Laocoonte, filho de Príamo e sacerdote de Apolo, foi condenado por Atena a ser estrangulado por duas gigantescas serpentes, por ter se imposto à entrada do cavalo de Troia na cidade – narrativa de Homero em "Ilíadas". É interessante observar a tensão física dos corpos em movimentos espiralados e a expressão de desespero e dor.

Os vasos gregos são conhecidos não só pelo equilíbrio da forma, mas também pela harmonia entre os desenhos, as cores e o espaço utilizado para ornamentação. Além de servir para rituais religiosos, esses vasos eram usados para armazenar, entre outras coisas, água, vinho, azeite e mantimentos. À medida que passaram a revelar uma forma equilibrada e um trabalho de pintura harmonioso, tornaram-se também objetos artísticos. As formas e dimensões dos vasos variavam consideravelmente.

Alguns dos recipientes cerâmicos mais utilizados eram:

- **Ânfora** – recipiente com duas asas, utilizado para armazenar vinho, água e azeite.
- **Hídria** – recipiente semelhante e de mesmo uso, porém com três asas.
- **Cratera** – recipiente em que bebiam o vinho misturado com água, de boca larga; podia ter também a forma de cálice.
- **Lécito** – recipiente com uma asa e com gargalo estreito para regular o fluxo do líquido. Para fins de rituais, utilizava-se um conjunto de vasos: estreitos com boca larga, baixos com boca larga. Possivelmente poderiam também servir nas alimentações como travessas.

Na Grécia, as pinturas em vasos podiam apresentar três estilos:

– **geométrico** - Eram decorados com desenhos abstratos, predominando as figuras geométricas. Representavam-se círculos e semicírculos divididos por linhas retas ou onduladas, uns sobre os outros, rodeando o vaso. Com o tempo, tornaram-se mais complexos e variados, começando a aparecer ziguezagues e triângulos, semicírculos concêntricos e linhas onduladas.

– **da figura negra** - Foi em Corinto que a chamada técnica da figura negra se desenvolveu pela primeira vez. Todas as figuras e outros elementos decorativos eram pintados de negro, fazendo forte contraste com o fundo castanho-avermelhado dado pela cor natural do barro utilizado. As figuras eram, ainda, em silhueta, mas determinados pormenores, como olhos, músculos e o cabelo apareciam com nitidez.

– **da figura vermelha** – Este estilo iniciou-se aproximadamente em 530 a.C. e é o inverso da figura negra. Neste estilo, as figuras têm a cor original do barro sendo o fundo pintado de negro. Estas figuras mais claras pareciam ter ainda mais naturalidade que as figuras no estilo negro. Os detalhes eram pintados com pincel fino para que as linhas fossem mais flexíveis e mais fluidas.

As pessoas retratadas já não eram apresentadas exclusivamente de perfil, adotavam várias posições e, em alguns vasos, utilizavam-se as duas técnicas, cada uma de um lado.

Figura 34 - Vaso em estilo geométrico e frisos, animais e humanos em formas simplificadas..
Fonte: Museu de Arte Walters, Baltimore.

Figura 35 - Ânforas em figura negra, feita pelo pintor Diosphos – 500 à 490 a.C.
Fonte: Museu Metropolitan, Nova york.

Figura 36 - Cratera em figura vermelha, feita pelo pintor Eufrônio.
Fonte: Tim Pendemon/Wikimedia Commons.

Figura 37 - Vaso em figura vermelha.
Fonte: Museu do Louvre.

Figura 38 - Vaso em figura negra – homens jogando dados.
Fonte: Museu do Vaticano.

Foi à partir do século VII a.C. que os primeiros templos de pedra foram construídos e que as primeiras colunatas foram erguidas.

Ordem arquitetônica grega é o conjunto formado pela coluna com capitel e pelo entablamento, este variando conforme a ordem: dórico, coríntio e jônico.

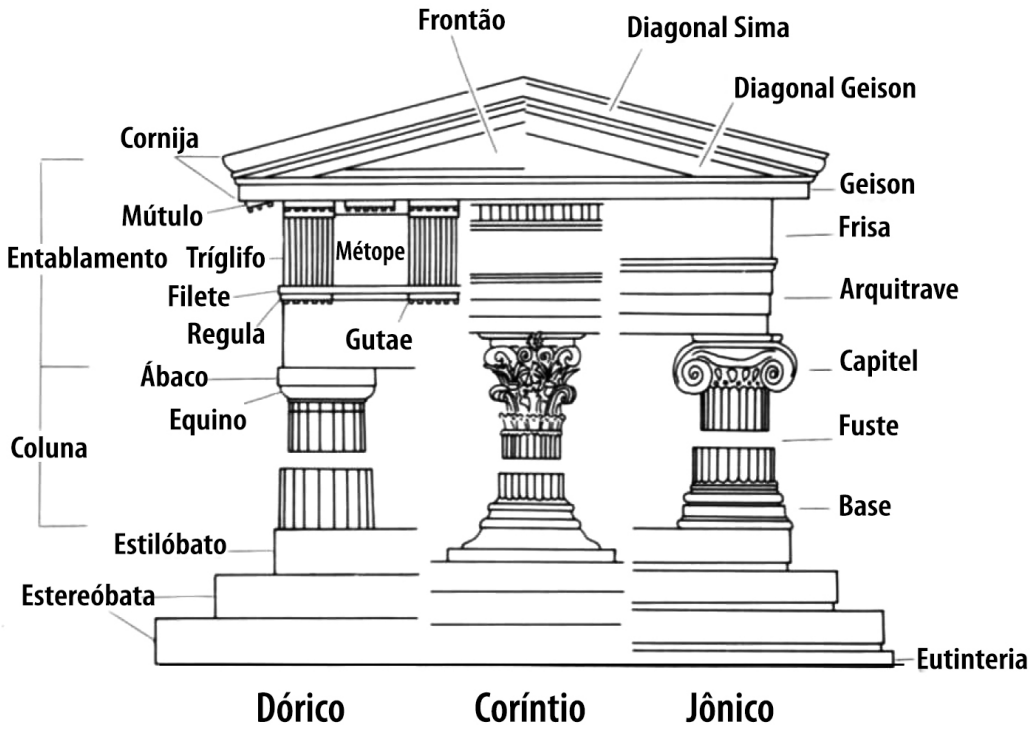

Figura 39 - Ordem arquitetônica grega de seus templos.
Fonte: Carol Strickland, THE ANNOTATED MONA LISA, 1992, p. 26.

Ordem Dórica – é a mais simples das ordens; seu fuste era formado por vários anéis com caneluras sobrepostos apoiados diretamente no estilóbato; seu capitel possuía também forma simples, com arquitrave lisa e sobre ela tríglifos e métopas, que podiam ser pintados ou esculpidos em relevos.

Ordem Jônica – mais leve e ornamentada que a ordem dórica, seu fuste era de menor diâmetro e com maior quantidade de caneluras; era apoiada em base decorada, o seu capitel ornamentado e formado por elementos simétricos que se enrolavam; sua arquitrave era dividida em três partes ou decoradas com faixas coloridas ou esculpidas em relevos; frisos e métopas eram esculpidos em relevo.

Figura 40 - Parthernon – Ordem dórica – 447 à 433 a.C.
Fonte: Thinkstock/Getty Images.

Ordem Coríntia – seguia os mesmos conceitos da ordem jônica, com fuste de diâmetro menor e seu capitel ornado com folhas de acanto. Foi muito utilizada nas construções do período Helenístico. A cobertura dos templos gregos eram simples, de duas águas e feitos de madeira. Seu frontão triangular era ornamentado com esculturas.

Figura 41 - Templo de Atena – Ordem jônica.
Fonte: Rafael da Silva/wikimedia Commons.

Figura 42 - Ordem coríntia.
Fonte: A. Savin/Wikimedia Commons.

Os gregos criaram cidades com prédios públicos e templos, os romanos também. No entanto os romanos dedicaram-se bastante a construir obras para dar infraestrutura às cidades, além de criar locais para entretenimento em construções colossais. O Coliseu é uma das construções mais fascinantes realizada pelos romanos; ele que abrigou tanto a arte, os esportes sanguinários e os jogos de diversão. A cultura dos jogos romanos fez nascer o circo em eventos para entretenimento do povo.

O teatro começou a se configurar já na Pré-História, surgindo com forma ritualística. Na Antiguidade, os rituais ao deus Dionísio, na Grécia, e ao deus Baco, em Roma, marcaram o período.

A Poética de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) fundamentou o teatro ocidental, assim a dramaturgia aristotélica predominou no período. Para o filósofo, a poética era imitação, ou mimesis; a vida imitada no teatro, porém de forma mais bela, sublimada. A Poética compreende a poesia épica, a lírica e a dramática. As ideias sobre a natureza estética e poética da arte e a concepção de belo sublimado, colocada por Aristóteles, influenciaram muitos períodos da história da arte. Foram criadas normas para analisar e definir o que era ou não arte no decorrer dos tempos

A criação do teatro, na Grécia, foi estabelecida por Pisístrato (600 a.C. - 528 a.C.), que criou concursos de teatro em Atenas. Três autores do período ganharam importância: Ésquilo (525 a.C. - 456 a.C.) e Sófocles (496 a.C.- 406 a.C.), que se dedicaram a escrever peças de tragédias, e Aristófanes (446 a.C.- 386 a.C.) que se destacou nas comédias. Estes são gêneros teatrais que permanecem até hoje, a comédia e o drama.

Em Roma, temos os ludi scaenici (jogos cênicos). Nos palcos, onde antes havia apenas espetáculos de circo, corridas de cavalo e lutas, passaram a acontecer os jogos cênicos com atores, músicos e dançarinos. As representações teatrais, em Roma, tiveram seu auge no séc. III a.C.; destacaram-se Plauto (230 a.C. - 180 a.C.) e Terêncio (185 a.C. - 159 a.C.), nas comédias, e Sêneca (4 a.C – 65 d.C) nas tragédias.

Esses são alguns exemplos de manifestações artísticas nas civilizações da Antiguidade, mas existiram muitas outras culturas produzidas naquele tempo, tanto no oriente como no ocidente. Na Índia, a dança, por exemplo, estava integrada a rituais religiosos, porém foi se estruturando e os movimentos ficaram mais elaborados e se firmaram também como manifestação artística. Assim também as danças árabes e chinesas, que, antes, eram apenas apresentadas em momentos de rituais sagrados, começaram a ser apresentadas em palácios e festas para deleite do público.

Material Complementar

Há vários materiais, como sites, filmes e livros, tantos históricos como de ficção, que você pode pesquisar e ampliar seus saberes sobre a arte e sua história. Indicamos aqui o seguinte:

Assista ao filme: **A Guerra do Fogo** (titulo original: La Guerre du Feu). Este é um filme de 1981, feito na França e no Canadá, com locações na Escócia, Islândia, Quênia e Canadá. A direção é de Jean-Jacques Annaud. Data de lançamento: 16 de dezembro de 1981 (França). Direção: Jean-Jacques Annaud. Roteiro: Gérard Brach. Autor: J. H. Rosny. Música composta por: Philippe Sarde.

Navegue pelos museus virtuais e conheça a arte que está por toda parte do mundo. Comece conhecendo o projeto Google Art Project disponível em: http://www.google.com/culturalinstitute/project/art-project (acesso em: 3 abr. 2013).

Leio o romance: WILLIAM Raymond. **O povo das montanhas negras - O começo.** São Paulo: Editora Companhia das Letras,1991.

Esses são exemplos de materiais que podem ampliar sua visão sobre os temas estudados nesta unidade.

Referências

BAUMGART, Fritz – **Breve História da Arte.** 3ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

FERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GOMBRICH, Ernest Hans Josef.- **História da Arte.** 16ª edição. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2000.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

OSTROWER, F. **Universos da Arte.** Rio de Janeiro: Editora Campos Ltda,1991.

PRETTE, Maria Carla. **Para Entender a Arte, História Linguagem Época Estilo.** 1ª edição. São Paulo: Editora Globo, 2009.

Anotações

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

www.cruzeirodosulvirtual.com.br
Campus Liberdade
Rua Galvão Bueno, 868
CEP 01506-000
São Paulo SP Brasil
Tel: (55 11) 3385-3000

Universidade Cruzeiro do Sul

UNICID Universidade Cidade de S. Paulo

UNIFRAN Universidade de Franca

UDF Centro Universitário

Módulo Centro Universitário